

MEMÓRIAS, TRAJETÓRIAS E HISTÓRIA SOCIAL DA COMUNIDADE SANTA LUZIA DO MARAUARÚ, PARINTINS - AM¹

Kynderson Silva Guimarães²

João Marinho da Rocha³

Resumo: Este texto é um aspecto de uma pesquisa que investiga os processos de formação e institucionalização da Comunidade Santa Luzia do Marauarú, localizada no interior do município de Parintins - AM. Por se tratar de um trabalho inédito, nosso intuito é de contribuir através da pesquisa científica dentro do campo da História Social para a valorização da memória dessa localidade onde as histórias narradas por colaboradores e guardiões da memória, atravessam o crescimento da comunidade e se tornam aqui, objeto de reflexão e investigação histórica. Através da aplicação da metodologia de História Oral (HO) para analisarmos as narrativas e problematiza-las com discussões, como também buscamos registros escritos, fotográficos para que possamos produzir uma pesquisa a partir de um levantamento e apreciação minuciosa dos dados obtidos, uma vez que este trabalho também poderá nortear pesquisas futuras. A utilização do uso das memórias foi fundamental para a análise e buscamos em fontes documentais, trazendo ainda mais evidências de como ocorreu o processo institucional da comunidade. Dessa forma, a metodologia da História Oral utilizada na pesquisa, nos oferece outra visão de acontecimentos vivenciados e com experiências dos moradores e ex-moradores, iluminando o caminho que aqui foi traçado. O uso destes métodos tornou-se possível explanar aspectos da comunidade que dificilmente seriam divulgados se não fosse a pesquisa.

Palavras-Chave: Santa Luzia do Marauarú; formação e institucionalização; Memória e História Oral; História Social.

INTRODUÇÃO

O município de Parintins, localizado no baixo Amazonas, distante 365 Km da capital Manaus, no Estado do Amazonas, possui ao seu redor, comunidades que foram institucionalizadas, sobretudo no século XX, tanto em área de várzea, como de terra firme. Objetivamos olhar para esses fenômenos a partir das memórias que informam as trajetórias da

¹ Trabalho de Conclusão de Curso TCC, realizado para obtenção do título de graduação em História na Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP, 2024.

² Graduando em Licenciatura Plena em História, Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP/UEA). E-mail: ksg.his20@gmail.com

³ Professor adjunto no curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP. Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/UEA; E-mail: jmdrocha@uea.edu.br/jmrocha.hist@hotmail.com

Comunidade **Santa Luzia do Marauarú**, localizada no rio Uaicurapá⁴, distante 20 km da sede do município.

Pensar os processos de Institucionalização da Comunidade Santa Luzia do Marauarú, passa também por compreender os contextos histórico, político, socioeconômicos regional e nacional da segunda metade do século XX, marcados por políticas desenvolvimentistas, noções apressadas de progresso e inúmeras iniciativas estatais onde a Amazônia será alvo de processos migratórios, mas também de expansionismo católico e adensamento do urbano.

Nos chama atenção o grande número de comunidades no interior do município de Parintins-AM, diante disso, a presente pesquisa busca trazer para o centro das discussões, as realidades apagadas pela História Oficial, permitindo acessar “experiências” de ‘pessoas comuns’ que atuaram para fundar uma comunidade. O estudo aqui realizado foi possível a partir das novas abordagens historiográficas dentro de suas investigações.

O texto está estruturado em três sessões, mostra, a partir de cotejos de fontes, como se deu o processo de institucionalização da comunidade Santa Luzia do Marauarú, desde antes da sua institucionalização como comunidade, e tudo o que advém disso, tais como: direitos básicos elementares, saúde, educação, água potável, dentre outros.

A primeira sessão chamada “Memória, história oral como possibilidades para uma história social de comunidades”, onde abordamos de que maneira o uso da memória e da história oral como campo onde se busca as fontes, pode iluminar contextos sociais que dificilmente seriam tratados como relevantes, a pesquisa serve para trazer à tona estes acontecimentos importantes na formação social de determinado período.

A segunda “Dos processos de formação e institucionalização da comunidade Santa Luzia do Marauarú”, trata de como ocorreu os processos, em que, o até então povoado, buscando uma melhor qualidade de vida, somado aos interesses da instituição religiosa tornou possível sua institucionalização como comunidade, pois essa mudança tornaria possível a melhoria na área educacional, religiosa e etc.

A terceira sessão intitulada “Das Práticas Sociais de Trabalho e Sócio religiosas”, aborda as atividades das práticas de trabalho desenvolvidas na comunidade por seus moradores, tendo em vista a necessidade do consumo, e também da comercialização de seus produtos. O trabalho está diretamente ligado a parte sociocultural e religiosa da comunidade já que

⁴ O Trabalho Agrícola Em Comunidades Rurais: a Produção Comercial do Guaraná na Comunidade de Santa Luzia do Marauaru no Município de Parintins-Am, Brasil. Disponível em: <https://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/13/atividades-economicas.html> . Acessado em 26 de dezembro de 2024.

necessitava da cooperação de todos para a realização das atividades, bem como, o dinheiro arrecadado pelos moradores era convertido na realização da festividade religiosa, e posteriormente, visava a melhoria da infraestrutura da comunidade.

MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL COMO POSSIBILIDADES PARA UMA HISTÓRIA SOCIAL DE COMUNIDADES

Do campo da História Social

Dentre todos os campos da história, nesta pesquisa sobre a trajetória da comunidade Santa Luzia do Marauaru, optamos por utilizar o campo da História Social. Segundo Barros (2005), este é um campo onde ocorre o uso da interdisciplinaridade com as demais Humanas e Ciências Sociais, podem ocorrer perturbações, várias formas de ser defini-la, e também uma dificuldade em delimitar pela ampla variedade de vertentes inclusas, fica a critério do pesquisador buscar uma melhor forma de manuseio de suas fontes já que estão interligadas e se deve saber destrinchá-las.

Entre as inúmeras modalidades e especialidades nas quais se reparte a disciplina e a prática da História nos dias de hoje, talvez a dimensão historiográfica mais sujeita a oscilações de significado seja a da História Social. Modalidade historiográfica rica de interdisciplinaridades com todas as Ciências Sociais, e igualmente rica na sua possibilidade de objetos de estudo, a História Social abre-se de fato a variadas possibilidades de definição e delimitação que certamente interferem nos vários trabalhos produzidos pelos historiadores que atuam neste campo interdisciplinar. (Barros, 2005, p. 2).

Nossa pesquisa é orientada pelo pensamento de Barros (2005), de que a História Social engloba uma grande diversidade de disciplinas, pois não existe somente uma história de determinado tema, para construir um tema em específico é necessário um suporte de outras áreas das Ciências Humanas e o uso de variáveis do próprio campo a ser estudado.

Apesar de falarmos frequentemente em uma “História Econômica”, em uma “História Política”, em uma “História Cultural”, e assim por diante, a verdade é que não existem fatos que sejam exclusivamente econômicos, políticos ou culturais. Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas. Mas o ser humano, em sua ânsia de melhor compreender o mundo, acaba sendo obrigado a proceder a recortes e a operações simplificadoras, e é neste sentido que devem ser considerados os compartimentos que foram criados pelos próprios historiadores para enquadrar os seus vários tipos de estudos históricos. (Barros, 2005, p. 2)

Como foi explicado acima, é necessário a interdisciplinaridade para que um trabalho acadêmico seja executado de maneira mais abrangente, dada a história e seus vastos campos de

estudo, através da conexão para chegar ao seu objetivo. Ao tratar do campo da História social, Hebe Castro (1997), reforça a ideia de que:

A interdisciplinaridade serviria, desde então, como base para a formulação de novos problemas, métodos e abordagens da pesquisa histórica, que estaria inscrita na vaguidão oportuna da palavra “social”, enfatizada por Febvre, em *Combates por la História*. (Castro, 1997, cap. 2).

Ademais, Hebe Castro (1997), conclui que a história social manteve seu nexo de priorizar a experiência humana e processos de diferenciação social na explicação histórica. Neste sentido, acreditamos ser possível escrever a história social de diversos temas, sem se confundir com toda a história, como percebemos nas pesquisas brasileiras nas últimas décadas em dialogia com as perspectivas da história social.

Da Memória

O termo memória é polissêmico, e aqui versaremos a partir da análise histórica, para compreender os processos e elementos que constituem a memória, com o intuito de relacionar com as narrativas dos entrevistados, dinamizando as fontes históricas e proporcionando uma investigação contundente e imprescindível para corroborar a reflexão sobre o ofício do historiador.

Michel Pollak (1992), se debruça diante dos debates sobre memória, pontuando elementos centrais para a compreensão de tal termo, trazendo o conceito de memória “vívida por tabela” onde o indivíduo não precisa necessariamente, ter vivenciado um determinado fato, ou contexto histórico, para atribuir uma representação e significado para tais, pois a tradição oral, as formas de transmissão, que são diversas, fazem com que a lembrança seja sempre viva. No que se refere a sua importância, seja positiva, ou negativa, concomitante, lembranças, podem ser geradas por experiência individual, mas também pode ocorrer de forma grupal, onde é possível haver variações da maneira como essa memória será compartilhada. Neste sentido, o autor pontua que:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (Pollak, 1992, p. 201).

Segundo a citação da obra de Pollak (1992), é notável que a memória é maleável tendo contato direto com o cotidiano podendo sofrer alterações em sua respectiva versão. É o que ocorre na maioria das vezes no dia a dia, as pessoas lembram de diferentes partes da mesma história, em determinados períodos de tempo, isto se deve ao fato de que a memória também é negociada, onde o historiador deve confrontar as narrativas, problematizando-as de forma crítica, observando que existe os processos de esquecimento, seleção e negociação dos elementos de memória, compreendendo as lacunas a serem exploradas, bem como as ausências, encontrando reflexões históricas também nos ‘não ditos’. Nos dizerem do autor:

Finalmente, no caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material. (Pollak, 1992, p. 200-201).

Logo, ao adentrarmos no campo da pesquisa, de modo a utilizar entrevistas contando trajetórias de vida e histórias de um determinado local, a tendência é utilizarmos as memórias, para fins de investigação histórica, observamos que os elementos constituintes da memória, dialogam em uma perspectiva de confluência para uma identidade, onde o coletivo influencia aquilo que é individual, e reflete nos comportamentos característico de pertencimento (Pollak, 1992).

Para iluminar os estudos sobre comunidades também é interessante trazer as discussões de Pierre Nora (1993), sobre os “lugares de memória” apontando que as lembranças também são associadas espaços físicos, que remetem a períodos, pessoas, ações. Comisso, tais elementos são sempre presentes nas narrativas dos entrevistados deste trabalho, nas palavras do autor:

A curiosidade pelos lugares de memória onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória. (Nora, 1993, p. 7).

Nesta perspectiva, o autor nos afirma que os lugares de memória são onde ocorrem as lembranças, dependendo da intensidade com que o indivíduo atribui significados ou tem momentos marcantes nestes locais, é possível obter informações com grandes detalhes, sendo assim de grande valia para o uso em pesquisa. A questão do apreço por um determinado espaço

é o que acaba produzindo os lugares de memória, por não ter ali uma outra forma de se lembrar daquele espaço. Há exemplo são os as pessoas mais experimentadas, que muitas das vezes preferem continuar em um sítio, interior ou lugar onde passou grande parte de sua vida pois ali reside muitas de suas memórias e pretende ficar por apego e zelo ao local.

Neste interim, faz-se profícuo dialogar com as abordagens de Delgado (2003), afirma que as narrativas são o que garantem que tradições ou heranças sejam repassadas dos mais velhos para os mais novos, assim podemos observar que o uso da narrativa contribui de maneira abundante para que pesquisadores possam a partir dos seus trabalhos acadêmicos eternizar essas fontes orais, tradições e histórias de vida que aparecem ali, na medida em que afirma:

As narrativas possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois também, como afirma Benjamin, “incorporam as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Em outras palavras, possibilitam “pontuar entre o momento da fala e o eternizar da escrita, desvãos que vazam no tempo o sentido da existência” (Grossi & Ferreira, 2001, p. 26). (Delgado, 2003, p. 22)

Com o uso da narrativa é possível se aproximar do fato que se busca trabalhar, já que é complexo acessar outras fontes quando se trata de memória, é algo voltado para conhecimentos mais íntimos de um indivíduo ou um grupo. Neste contexto, a História Oral busca de fato emergir os acontecimentos que cairiam em esquecimento, mas Marc Bloch (1997), destaca que o papel do historiador não é de julgar, mas sim de analisar e refletir os objetos de investigação histórica, fortalecendo a História como ciência onde se pesquisa e se produz conhecimento a partir de métodos procedimentais e de diálogo interdisciplinar com as ciências sociais.

A comunidade acadêmica, preocupada com a transmissão das heranças do passado que possam servir como esteios para o futuro, tem buscado criar alternativas para que o registro da fala de narradores, anônimos ou não, possa funcionar como um dos elos entre o que passou e o que ficou, possa se transformar no olhar do tempo presente sobre as experiências do tempo ido, mas não mais perdido. A narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória. (Delgado, 2003, p. 22)

Para uma melhor compreensão de como se deram os processos sociais e para buscar entender o que aconteceu para a sociedade do Tempo Presente⁵ ser moldada desta maneira, a pesquisa através da história oral é de grande relevância já que implicitamente pode servir para

⁵ Termo cunhado pela historiadora Macia Motta (2012) quando se refere ao arcabouço do alcance das memórias. Se constitui principalmente no século XX, onde as pesquisas realizadas dentro das novas abordagens do campo historiográfico, isto é, novos diálogos, novas fontes, novas possibilidades de leituras de determinado fato históricos e fatos de memória.

explicar as trajetórias de pessoas, grupos ou comunidades, assim através dos relatos presentes repassados ter uma visão melhor do que passou.

Da História Oral

A metodologia tempo/passado utilizada na pesquisa, foi a História Oral. A partir da segunda metade do século XX, de acordo com Alberti (2008), com a invenção do gravador portátil foi possível fazer registros de narrativas, inicialmente, dedicada a estudar as elites. Chegando no Brasil somente na década de 70 buscando estudar aspectos do período chamado de Era Vargas (1930-1945). Essa prática em que se usa muito as entrevistas como base para obter as fontes base para o trabalho acadêmico, a história oral permite o pesquisador acessar lembranças importantes de um determinado indivíduo ou um determinado lugar, assim como os locais de memória as narrativas são de grande importância, dessa forma:

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. (Delgado, 2003, p. 22)

Ao escolher a História Oral (HO) o pesquisador deve estar ciente que terá que arcar com custos de deslocamento, e muitas adversidades que podem surgir durante a pesquisa, sendo assim é necessário todo um preparo, também terá que escrever um roteiro de entrevista, como perguntas mais cirúrgicas e logo depois transcreve-las, mas também terá que saber como manusear suas fontes colhidas.

Uma pesquisa que emprega a metodologia da História oral é muito dispendiosa. Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros. Como em geral um projeto de pesquisa em História oral pressupõe a realização de várias entrevistas, o tempo e os recursos necessários são bastante expressivos. Por essa razão, é bom ter claro que a opção pela História oral responde apenas a determinadas questões e não é solução para todos os problemas. (Albert, 2005, p. 165).

Portanto, mediante ao que foi mostrado podemos ter uma ideia de que maneira foi executada a pesquisa, as dificuldades, a maneira de como proceder quando for a campo, as motivações para a utilização da história oral como metodologia, são fundamentais para obter sucesso e o pesquisador seguir no caminho certo.

Das fontes analisadas

A presente pesquisa dentro do campo histórico, desde o seu princípio, entre reuniões de orientação e planejamento das ações, foi projetada sob a luz da: História Social, pois nosso objeto de análise, os colaboradores desta investigação e o escopo de teóricos, dialogam em um caminhar de abertura historiográfica, evidenciando os agentes históricos ativos, não somente na formação da comunidade, mas como mãos que atuam no refazimento historiográfico.

A partir da metodologia da História Oral foram realizadas 6 entrevistas com moradores e ex-moradores da comunidade Santa Luzia, que se dispuseram a contribuir com esta pesquisa. As mesmas foram realizadas no período entre dezembro de 2023 a março de 2024, considerando aspectos como: disponibilidade, viabilidade, estado de saúde e custos adicionais. Simultaneamente, catalogamos registros fotográficos, bem com uma ATA da comunidade referente a sua criação e o livro de anotações do Secretário da comunidade.

As entrevistas foram feitas com : **Milton Esteves de Souza**, 79 anos de idade, ex-morador da comunidade, atualmente reside no município de Parintins no Amazonas, é aposentado; **Carlos Roberto Colares Guimaraes**, 69 anos, tem residência na sede do município de Parintins, também mora na comunidade de Santa Luzia do Marauarú e participa das atividades da comunidade, é agricultor; **Raimundo Colares Guimarães**, 60 anos, é agricultor e morador da comunidade Santa Luzia do Marauarú; **Delmildes Azevedo de Oliveira**, 67 anos, reside na comunidade Santa Luzia do Marauarú e é agricultor; **Maria Auxiliadora Teixeira de Oliveira**, 58 anos, agricultora e moradora da Comunidade Santa Luzia do Marauarú; **Orlando Oliveira Koga**, 62 anos, ex-morador da comunidade Santa Luzia do Marauarú, atualmente reside na sede do município.

DOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO⁶ DA COMUNIDADE SANTA LUZIA DO MARAUARÚ

⁶ O fenômeno “institucionalização”, está presente em toda sociedade organizada por um Estado com dado meio de produção que determina as relações de trabalho. É portanto um fenômeno social – só pode existir onde exista uma organização e divisão mínima de trabalho que surge enquanto necessidade de regulamentar a modificação da natureza ao mesmo tempo em que cria a natureza: a social, estabelece-se em um processo dialético de construção de uma realidade objetiva por meio de cultura, a qual universaliza práticas que constitui e que também é responsável por atribuições da significação da realidade (Motooka e Rodrigues, p.560, 2014-2015).

Figura 1: Vista parcial da comunidade após seu contexto de institucionalização/1983.



Fonte: Koga, Orsila.

Figura 2: vista parcial do quadro da comunidade em 2024.



Fonte: Guimarães, Kynderson.

A comunidade santa Luzia do Marauarú do Município de Parintins-AM está localizada a margem direita do Rio Uacuará, foi institucionalizada na década de 1960, mais precisamente em 1965 (ver fig. 01 e 02). Mas antes de sua institucionalização já haviam pessoas que moravam nas margens do rio, só que de maneira mais distanciada⁷.

Vale destacar que a partir das mudanças políticas que ocorreram no Brasil na década de 1960 que foi dada a busca de um mecanismo que monitorasse com a eficácia a vida cotidiana de quem estava nas grandes cidades e também que se localizava nas áreas rurais do país.

Como um possível limite cronológico, pode-se estabelecer o final de 1950 e início de 1960. Um marco que sinaliza um novo rumo histórico em sua trajetória. As relações entre catolicismo e sociedade possibilitam diálogo, maior união e diversos pontos de convergência. Nesse período, percebe-se um movimento no quadro religioso, no sentido de maior aproximação das camadas populares e dos grupos que se empenhavam por transformações sociais. O envolvimento e a militância de alguns membros do catolicismo em diversas áreas da sociedade contribuíram grandemente para essa mudança. (Delgado, 2003. p.97).

A década de 1960 como relatada acima é um período marcado por uma série de movimentações tantas políticas, como sociais, a igreja católica como uma parte do poder ligada diretamente ao estado, também precisou se adaptar ao contexto social deste período. A aproximação com as classes populares através de ações sociais, visando estabelecer mudanças e um maior controle, era o intuito da instituição.

Antes desse contexto de 1965 da comunidade Santa Luzia do Marauarú ser institucionalizada os arquivos de memória oral indicam que já existia pessoas que moravam

⁷ Orlando de Oliveira Koga, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado na cidade de Parintins- AM, no dia 11 de março de 2024

naquelas áreas e que com o passar dos anos e também com o aumento da força do “catolicismo popular”, somado à vontade das pessoas que ali moravam em acessar os direitos básicos como saúde educação, foi possível a institucionalização de diversas comunidades na região do Uaicurapá, nas palavras do colaborador Orlando Koga (2024):

[...] me lembro que quando eu comecei a me entender aquela comunidade ainda não existia, mas eu não tenho assim memória da época de formação mesmo. Eu só sei que as famílias mais antigas eram a família da *dona Maricó, seu Naco*, deixa eu ver quem mais, lá no Peixe Marinho o *tio Arquimimo*, papai lá com a mamãe. Eram poucas pessoas naquela época ainda, ai depois essa comunidade, essa vila aglomerado de casas era chamado Marauarú antes. Ai depois de um tempo, não lembro bem, *foi nos anos 60* que a comunidade se transformou, passou a se chamar marauarú né! ai que houve a formação da comunidade de verdade. Eu também não sei te dizer o nome dos primeiros *presidentes* com exatidão, eu sei que já passaram muitas pessoas lá, muito antigas como *o tio Arquimimo, o seu Moquinho, o Zé Pinheiro* né! foram os primeiros, não sei dizer qual foi o primeiro desses três⁸ (KOGA, Orlando. 2024).

Como vemos no relato acima, o local já recebia o nome Marauarú antes da sua institucionalização. Também indica as composições familiares ali existentes no que ele denomina de “aglomerado”, além de apontar para áreas vizinhas como é o caso do que hoje é chamado Peixe Marinho, também era diretamente ligado ao agrupamento de casas, ou seja, era somente um povoado na totalidade. A respeito desse contexto de formação, Raimundo Guimarães acrescenta outros nomes e confirma as conexões com outros espaços e que após a institucionalização feita com a mediação da igreja católica haverá separação e atribuições de novos nomes e funções administrativas, sociais e especialmente religiosas.

A presença do PIME na Amazônia se mostrou fundamental para o processo de evangelização, pois vieram para ajudar amenizar a carência de padres na região, haja vista que o aumento populacional ocasionado pelo fluxo migratório não é acompanhado pelo crescimento no número de sacerdotes.(Cavalcante, 2019. p.40).

A chegada do PIME em 1955 em Parintins, está diretamente ligada a institucionalização de muitas comunidades ribeirinhas da região, pois havia a necessidade de implementar um maior controle da fé católica nas áreas mais distantes do município. Foi de grande serventia os projetos e obras desenvolvidos pela organização religiosa.

[...] só lembro que um *era Zezé Araújo*, acho que *Raimundinho pinheiro*, seu *Arquimino Ramos, seu Cívico*. Essas eram as pessoas que eu acho que nessa época trabalhavam por aqui. Nessa época comunidade pegava toda essa redondeza do Marauarú até o Peixe Marinho. Depois de certo tempo que os padres dividiram, lá ficou como núcleo e aqui como comunidade (GUIMARÃES Raimundo Colares. 2024)

⁸Orlando Oliveira Koga. **Entrevista** realizada por Kynderson Silva Guimarães no dia 11 março de 2024.

A partir do relato acima, percebemos que o povoado do Marauarú a princípio era só um, mas com o decorrer do processo institucional da igreja católica foi optado pela divisão dessa região entre núcleo e comunidade. Passamos a seguir a partir das análises dos dados obtidos, compreender quais as motivações para que as pessoas optassem pela fundação uma comunidade, aqui podemos observar que Demildes Oliveira (2024) traz em seu relato que:

O processo de formação se deu através da época do marianismo, Marauarú tinha tanta gente mas não tinha mariano, já tracajá e maranhão tinha uma equipe de Marianos, lembro do seu mundaito, ele foi que veio aqui pra formar uma diretoria pra formar a comunidade porque durante não ter diretoria não era comunidade, era um povoado só, passou a ser formada porque foi formada, ficou na época como presidente o seu Modesto Siqueira, o secretario ficou Ademir da costa pinheiro, o tesoureiro não to bem lembrado seu foi Joaquim Lopes ou se foi Raimundo Pinheiro, sei que depois passou para Raimunda Koga e ela processou até ela sair da comunidade.” (OLIVEIRA, Demildes. 2024)

É notório que o catolicismo popular teve grande influência para que pessoas das regiões de beiradão fossem as disseminadoras das ideias católicas naquele período tendo como influencia as comunidades já existentes. A questão de aproximação mais eficaz dos congregados leigos para com os moradores desses aglomerados se deu graças a muitos deste s compartilharem da mesma religião, claro com exceções.

Para uma melhor compreensão sobre a organização da comunidade a partir da institucionalização, a Ata serve de fonte documental com grande importância, veremos a seguir uma datada de 1976, escrita pelo então secretário Raimundo Pinheiro, explanando um pouco sobre os acontecimentos a partir da organização da comunidade.

Figura 1: Ata escrita em 18 de Julho de 1976

Ata Escrita em 18 de 7 de 76

Esta é escrita com referên^{ça} a um membro que nos permaneceu na diretoria desta comunidade trata-se do Senhor Raimundo Pinheiro o atual Secretário.

O seu trabalho como católico começa no dia catarse de novembro de 1965 data da fundação desta comunidade nesta altura não tinha culto nas capelas do interior nos Domingos as pessoas se reuniam e rezavam o feço cantavam ofício da imaculada conceição e terminava com uns cântos. neste tempo Raimundo Pinheiro era membro novo e esforçado em realiza estas atividades.

Em 1967 foi eleito a primeira diretoria desta comunidade e Raimundo Pinheiro foi o presidente escolhido pela maioria começou a trabalhar como presidente no dia 2 de Abril de 1967 não tinha quase experiência do trabalho atual mais tinha bõa vontade de servi a comunidade. O mesmo trabalho como presidente ate dia 7 de outubro ^{de 1971} quando foi eleito outro presidente. mais Raimundo Pinheiro ficou a trabalhar como Secretário da comunidade. au lado do presidente Manoel Gama. Do dia 7 de outubro de 1971 trabalho como Secretário do S.n. Manoel Gama ate dia 14 de dezembro de 1975 quando foi eleito outro presidente e Raimundo Pinheiro foi reeleito para trabalhar com o novo presidente que era o senhor Anquiquirino Ramos.

Raimundo Pinheiro reiniciou seus trabalhos no dia 29 do dezembro de 1975 com as mesmas vontade de progredir mais em 1976 perdeu seu equilibrio e pediu sua saída no dia 12 de junho mais não foi despedido nada em seu favor ate em 29 de julho de 76.

Assinado pelo secretario Raimundo Pinheiro

Fonte: Pinheiro, Raimundo, 1976.

A ata⁹ acima evidencia, dentre outras coisas, a grande participação do secretário Raimundo pinheiro desde os primórdios da comunidade, atuou desde o início exercendo o papel de católico e mesmo com pouca experiência se candidatou a presidente. Isso fortalece a questão de já haver uma organização da igreja com as áreas rurais de Parintins, onde seus componentes leigos levavam o pouco que lhes era ensinado.

No entanto é com o PIME que esse movimento se fortalece, em 31 de maio de 1956 é realizado a 1ª Assembleia dos Marianos da Prelazia, quando a Congregação Mariana já contava com 500 congregados. Como lembra o Sr. João Lauro, “tudo existia parcialmente” (referindo-se aos Marianos e o Apostolado da Oração), foi com o

⁹ Ata cedida pela senhora Maria Auxiliadora Teixeira de Oliveira, moradora da comunidade Santa Luzia do Marauarú.

trabalho de alguns missionários do PIME que o movimento se fortaleceu. (Cavalcante, 2019, p.91)

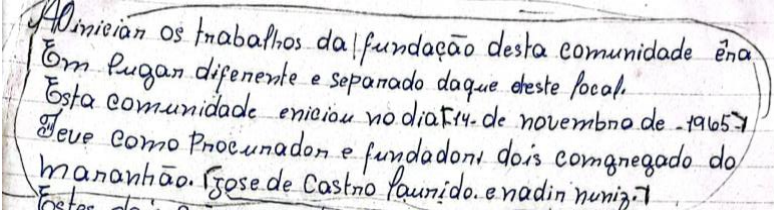
A fonte acima mostra que, o movimento mariano se instituiu em Parintins em 1941, teve uma grande adesão membros, mas somente com a chegada do PIME e o apoio do padre Jorge Frezzini que o grupo tomou grande proporção, incentivando mudanças sócias e a construção de obras beneficentes para a população de Parintins e também visando uma maior expansão para as áreas rurais da cidade.

Olha pelo que sei da comunidade, que eu sempre foi envolvida e tinha livros históricos que eu sempre me interessava, eu lia, o que eu sei que essa comunidade ela se iniciou primeiro ali na ponta no Marauarú que chamavam Raimundo Moreira, lá que eles festejavam o São Raimundo era de promessa todo ano e depois surgiu a vontade de alguns para formarem uma comunidade, foi que veio dali o seu “moquinha” Siqueira que ele era mariano lá do Santo Antônio do Traçajá, o Jose Castro Laurindo e o Naldir Nunes, eles que vieram aqui na comunidade convidando de casa em casa que era pra fazer a fundação de uma comunidade e sempre que eles vinham ai eles faziam reuniões, faziam uma pregação do evangelho e foi que nesse tempo eles convidaram, foi 14 de novembro de 1965¹⁰.

Nesse sentido, percebemos que para que houvesse a fundação da comunidade foi necessária uma grande participação da igreja católica de Parintins, através do movimento Mariano, o qual alguns leigos das regiões mais distantes da cidade faziam parte. Podemos comprovar está análise a partir da pesquisa de Cavalcante (2019, 83) “Tornar as comunidades instrumentos de evangelização é o que o PIME fez em Parintins, usando o leigo como instrumento nesse processo, os missionários garantiam que outras pessoas ou localidades fossem alcançadas, aumentando o número de espaços e pessoas sobre a influência da Igreja”.

A Ata a seguir retrata os processos de institucionalização da comunidade, desde a pessoas que participaram do processo, tais como os leigos marianos das congregações próximas, membros do PIME que visitaram o local visado e também a cerimônia de institucionalização.

Figura 2: Congregação Mariana do Maurarú.



Iniciam os trabalhos da fundação desta comunidade em
 um lugar diferente e separado daquele deste local.
 Esta comunidade iniciou no dia 14 de novembro de 1965.
 Teve como Procunador e fundador dois congregados do
 Maranhão. Jose de Castro Laurindo e Naldir Nunes.

Fonte: Pinheiro, Raimundo, 1976

¹⁰ Maria Auxiliadora Teixeira de Oliveira, Entrevista realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa da entrevistada, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins – AM, no dia 06 de março de 2024.

Na fonte¹¹ acima os detalhes da cerimônia de institucionalização são muito elucidados, a influência dos congregados leigos das comunidades próximas motivou ainda mais para que houvessem a formalidades para ser instituída a comunidade. A escolha de pessoas para compor a diretoria, até o diálogo do padre com os moradores para repassar a sua visão do que seria a religião católica.

O nome da comunidade apresenta dois elementos, um que remete a referência geográfica e outro a influência da Igreja Católica na sua organização, fato comum nas comunidades amazônicas. Pantoja (2005, p. 169) ressalta que as “comunidades, quando formadas, foram, por assim dizer, rebatizada com o nome de um santo ou santa, associado a referência geográfica relacionada ao rio, paraná, lago onde estavam localizado”. A influência da Prelazia na organização da comunidade também é observada na escolha do padroeiro, a opção por determinado Santo levava em consideração a devoção com a conciliação dos sacramentos, sendo evitada a escolha de santos festivos. (Cavalcante, 2019. p.79).

A partir da análise de Cavalcante (2019), podemos fazer uma comparação mediante a motivação que levou a institucionalização da Comunidade Santa Luzia do Marauarú, tendo em vista que também passou por esse processo conturbado como já comentado acima da escolha de Santos e mudança no local onde seria a capela e sede da comunidade. Isso ocorreu pela insatisfação dos grandes líderes da igreja que não concordavam como os leigos estavam exercendo o papel que seria dos padres com formação, visavam também separar o sagrado do profano.

Naquela época quem teve a ideia que eu me lembro, foi o seu modesto que tinha o agrado de ‘moquinha’, o tio Arquimimo e dona Raimunda Koga, os pessoal tudo reunido ali ai o pessoal do seu Z Pinheiro, os filhos tudinho, o seu Quirino, ai todo mundo se reuniu faziam um barracão ali embaixo aonde começou a comunidade, depois de l mais ou menos transferiram ela pra cima da ribanceira, l mesmo no teso da comunidade onde está até hoje. Os antigos foi quem conseguiu colocar pra lá, batalhar pra lá, família do seu Koga, ele doou o terreno, o nome dele era Olímpico Kuniji Koga, esse terreno todo era dele mas ele deu toda a parte do outro lado, ele morava na cabeceira e o terreno da comunidade ficava do outro lado, uma base mais ou menos de 500 metros¹².

A partir da fala da fonte acima reforçamos a tese que os considerados cabeças da ideia da criao da comunidade¹³, juntamente com a igreja católica estavam ligados ao movimento mariano,  de grande importância observar que a igreja teve uma mudança de local na comunidade. A princípio a igreja foi construída na região da parte de baixo da comunidade,

¹¹ Idem.

¹² Carlos Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins – AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

¹³ Idem.

mas por questões de espaço ela teve que ser novamente alojada na região de cima da comunidade, onde permanece até os dias atuais.

Segundo Cerqua (2009, p. 154) as comunidades rurais “foram criadas em terrenos doados a Igreja ou comprados pela mesma, essas comunidades surgiram como *Congregação Marianas* que foram acompanhados por outros movimentos e irmandades como as *Senhoras do Apostolado da Oração*, a *Cruzada Eucarística infantil*, *clube de jovens*”. (grifo nosso). O resultado desses movimentos de caráter religioso-social fez com “as comunidades viessem a se constituir na principal referência de pertencimento sócio espacial” (PANTOJA, 2005, p. 168-169). (Cavalcante 2019. p.78)

Tendo como base a análise de Cavalcante (2019), reforço a comprovação de contribuição das famílias que moravam nas localidades próximo ao terreno escolhido, onde seria construído a primeira capela, mesmo de que de maneira provisória. A construção servia para marcar a data de institucionalização da comunidade e contava com a ajuda braçal de todos os membros da comunidade.

A motivação de criar uma comunidade ali era porque era muito distante as outras comunidades, não tinha como se deslocar até nas outras comunidades porque tinha que atravessar rio, muito perigoso e se achou como tinha bastante gente ali uma maneira de fundar uma comunidade lá que se queria uma comunidade onde o povo pudesse participar mais fácil e até hoje está lá a comunidade. Nessa época tinha bastante gente, era muitos jovens, era muitas meninas e todo mundo se entrosava no grupo de jovens, era muito animado¹⁴.

A questão populacional é o que aparece neste relato, tendo em vista que na região eram muitas famílias e que estas necessitavam de educação e outras necessidades físicas e religiosas, foi um dos motivos para a busca de seus moradores, alguns estes que já tinham uma ligação religiosa com movimentos missionários para a criação de uma comunidade ali naquela área.

Ao redor dessas capelas, surgia escola, campo de futebol, cantina comunitária e casas. Essa estrutura pode ser observada em várias comunidades amazônicas, o que comprova a forte influência da Igreja na organização das mesmas ou na sua criação, o que faz com que a Prelazia no caso de Parintins, tome para si a paternidades das mesmas (Cavalcante 2019. p.77)

Ao comprovarmos a fala do entrevistado sobre os motivos para a aceitação da proposta de institucionalização da comunidade, os principais motivos tendem muito aos aspectos sociais e religiosos. A falta de educação como já analisado acima é um ponto chave na proposta dos marianos, que foi muito bem aceito pelos moradores.

¹⁴ Carlos Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins – AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

No meu modo de entender foi a necessidade de uma casa assim para ter um professor para educar os filhos das pessoas que tavam morando aqui na época. aqui eram muitas pessoas, muitas crianças que tinha aqui, na necessidade de isso ai eles criaram a comunidade, fundaram a comunidade e era muita gente aqui, quando eu cheguei aqui em 69, isso aqui a comunidade era do peixe marinho até na boca do Bin, tudo fazia parte só do marauarú.”¹⁵

A questão educacional como enfatizado acima, era algo muito visado naquele período já que não havia uma escola no local, a presença de muitas crianças e a falta de uma escola para educar pode ter fortalecido ainda mais o desejo de criação de uma comunidade afim de que estes benefícios chegassem a mesma.

Bom, a comunidade ela funciona assim, você sabe que nenhum ser humano consegue viver sozinho por muito tempo, por mais que as vezes ele viva isolado, ele procura sempre aproximação com alguém pra conversar fim de semana e eu acho que foi assim que surgiram as comunidades rurais no interior né e você sabe que todas as comunidades criadas pela diocese, apoiadas pela diocese de Parintins, elas se localizam nas calhas dos rios, não tem nenhuma colônia assim lá pro centro que não tem nenhum acesso né, e ai eu acho que o intuito maior era as pessoas, poderem contar uma com as outras, nas dificuldades, nas doenças né, naquele tempo não tinha barco principalmente era a coisa mais rara que tinha, tinha dois ou três barcos para subir aquele uaicurapazão todinho, então eu acho que a motivação maior para ter a comunidade foi de as pessoas que viviam sozinhas poderem se auxiliar no dia a dia”¹⁶

Com o relato acima notamos que ideia de comunidade vem realmente para tornar mais fácil o acesso da igreja de Parintins a zona rural do município, a junção das pessoas para uma maior amplitude da inserção do catolicismo era o que motivava a institucionalização das comunidades nessa região. A igreja católica se fez presente em todo o processo tanto com seus seguidores leigos e também com seus bispos visitando essas localidades.

Comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra comunidade carrega: é a segurança em meio à hostilidade”. Para que os membros das comunidades rurais católica tivessem essa segurança aludida por Baumann, a Prelazia empreendeu diversas ações de cunho social e religioso com o intento de fortalecer os laços de pertença a um espaço territorial e acima de tudo a religião católica. (Cavalcante 2019. p.76).

Fica perceptível o pensamento de propor um fortalecimento dos laços de união das famílias que residiam próximas umas das outras, então a comunidade seria um lugar onde se

¹⁵ Orlando de Oliveira Koga, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado na cidade de Parintins- AM, no dia 11 de março de 2024

¹⁶ Orlando de Oliveira Koga, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado na cidade de Parintins- AM, no dia 11 de março de 2024

busca a união, no qual todos teriam de cooperar e se apoiar para um desenvolvimento saudável, tanto espiritual quanto da comunidade física.

A questão territorial também era algo muito importante para ser abordado pois era onde seria erguida a igreja, firmando assim oficialmente a institucionalização da comunidade. A comunidade Santa Luzia do Marauarú teve duas igrejas, a primeira na parte de baixo e a segunda localizada hoje na região mais elevada da região, seu Guimarães expressa que:

Os antigos foi quem conseguiu colocar pra lá, batalhar pra lá, família do seu Koga, ele doou o terreno, o nome dele era Olímpico Kuniiji Koga, esse terreno todo era dele mas ele deu toda a parte do outro lado, ele morava na cabeceira e o terreno da comunidade ficava do outro lado, uma base mais ou menos de 500 metros¹⁷.

A família Koga esteve presente juntamente com as demais famílias da região no processo de formação da comunidade e contribuiu a princípio com a doação do primeiro terreno para a implantação do primeiro quadro da comunidade, essa fonte reforça ainda mais como o processo de institucionalização contou com a compreensão e ajuda dos indivíduos do então, aglomerado de casas.

Bom a terra que foi plantada a primeira igreja da comunidade pertencia ao japonês o Kuniiji Koga e ele em 63 quando criaram a comunidade ele se prontificou e doou essa terra, 500 metros de frente com 2500 de fundo e foi plantada a igreja da comunidade aqui, ai a gente tinha arraial bem grande aqui, a igreja foi passada pra cima nos anos 70, ela foi criada em 63 aqui em baixo e depois foi passada pro terreno de cima, a data de criação foi 3 de março de 1963, foi questionado o terreno lá encima com a dona maricó que chamavam pra ela só que o nome era Joana Gama da Silva Souza ai ela disse que vendia um pedaço pra nós, a gente comprou o terreno e passou a igreja pra cima, como falei questionado pelo seu Arquimimo presidente na época, Arquimimo Ramos já falecido, a Raimunda Koga que era tesoureira também já falecida e a Joana Gama que era dona do terreno também já falecida e a gente fez a igreja pra cima mas assim não tem tanto movimento como tinha aqui embaixo na época, era muito movimentado aqui, lá encima ficou distante até a subida são 72 degraus pra subir, então é difícil subir esses 72 degraus raros...¹⁸

Com especificações sobre o processo de institucionalização, até mesmo uma datação diferente da que abordamos nos primeiros relatos o trecho acima vem explicar com clareza algumas informações importantes da construção da primeira igreja que era localizada como já dito acima na região mais baixa da comunidade atual, mas por questões espaciais ela teve que ser mudada para a parte de cima. Ainda de acordo com o relato, o segundo terreno já pertencia

¹⁷Carlos Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins – AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

¹⁸Demildes Azevedo de Oliveira, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins – AM, no dia 06 de março de 2024.

a Joana Gama, conhecida como (Maricó), a partir da compra deste foi construída a segunda igreja a qual ainda hoje permanece no mesmo local deste período.

DAS PRÁTICAS SOCIAIS DE TRABALHO E SÓCIO RELIGIOSAS EM SANTA LUZIA DO MARAUARÚ

Mesmo não sendo o principal objetivo desta pesquisa é importante ressaltar que nas comunidades ribeirinhas, nota-se em grande parte, as práticas sociais e de trabalho e essencialmente as práticas religiosas, são as vertentes que movem a comunidade, para que de certa forma ocorra uma interação entre seus membros afim que ocorra a manutenção do sentimento de união daqueles que fazem parte dela.

Das práticas sociais de trabalho

Na região da Amazônia os ribeirinhos herdaram seus conhecimentos sobre como plantar e pescar, graças a miscigenação que misturou saberes de vários grupos, principalmente dos povos originários deste lugar, esses conhecimentos que foram repassados de geração em geração possibilitaram que estas plantas, remédios e caças fossem usados para fins econômicos.

A técnica agrícola da queimada e as principais culturas de alimentos (mandioca, milho, feijão etc.) são de origem indígena. A maioria dos nomes da flora e da fauna e a denominação dada a inúmeras localidades, no português ~falado no Brasil moderno, derivam do tupi, dialeto indígena amplamente difundido. (WAGLEY, 1957, p.58)

O trecho acima da obra de Charles Wagley reforça nosso estudo no qual a região amazônica apesar de inserção de outros povos após a chegada dos colonizadores, os ensinamentos indígenas foram os que prevaleceram e até os dias atuais são executados pelos moradores de comunidades ribeirinhas em toda a Amazônia,

Na comunidade Santa Luzia do Marauaru, não foi diferente, as plantações eram voltadas mais para o cultivo da mandioca que se tornava essencialmente a farinha e outros derivados que eram consumidos pelos próprios moradores ou também vendidos para arrecadar dinheiro¹⁹.

A partir da chegada dos japoneses na Amazônia com seus conhecimentos adquiridos é que o cultivo de outros espécimes foi incorporado no cotidiano de muitos dos ribeirinhos da

¹⁹ Milton Esteves de Souza. **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no bairro de Emilio Moreira, em Parintins - AM, no dia 08 de de dezembro de 2023

região, abordaremos a seguir como a chegada dos emigrantes japoneses na região amazônica, mais precisamente no interior de Parintins, comunidade de Santa Luzia do Marauarú.

A recordação que eu tenho é que naquela época era zelado, eles trabalhavam muito, era limpo, era bonito, hoje em dia só é mato. Ele pagava com dinheiro quando a pessoa tinha saldo, ajudava também, ajudava a comunidade, carregar pedra lá pra cima de ribanceira, dia tal é trabalho da comunidade, se reunia e todo mundo ia trabalhar pra ajudar²⁰.

A fonte acima explana um pouco sobre essa união dos comunitários pertencentes a comunidade, este com o dever de buscar sempre ajudar de alguma maneira a comunidade, aborda também que essa preocupação se perdeu com o passar dos anos e hoje em dia praticamente não existe mais.

Na comunidade Santa Luzia do Marauarú as práticas de trabalho eram as mais comuns das comunidades ribeirinhas, se fazia plantação de mandioca, criação de animais para fins de consumo próprio, mas a pratica de trabalho que mais se destacou com o tempo foi a de plantio de guaraná.

A mais usada era o trabalho do guaraná, sempre foi o trabalho forte lá que o japonês tinha, nessa época que eu me lembro ele tinha 150 hectares de guaraná que ele nessa época dia de sexta duas vezes por semana ele ia na barreira do Andirá trazer um barco com umas sessenta e poucas pessoas pra colheita (ver figura 03) , nessa época ele vendia pra Belém, o barco que vinha buscar era o São Joaquim, nessa época ele embarcava quinze, quando ele não embarcava nada era onze toneladas por safra ele tirava, de quinze a onze toneladas e esse barco vinha onde deixava mercadoria pra ele e levava o produto.²¹

Ao examinar o trecho acima, a pratica de cultivo do guaraná era o ponto forte da economia da comunidade, a plantação era grande e precisava da demanda de mão de obra de pessoas de outras localidades. O dono da plantação, sempre manteve um trabalho organizado pois antes de vim para Brasil os Japoneses que eram enviados, estudavam durante anos sobre como dominar esses cultivos, além de uma variedade de plantações que eles introduziram na região, podemos dar ênfase aqui no Guaraná da terra firme e da juta na Várzea.

Bom as práticas são as comuns a qualquer comunidade rural, pessoal trabalha com mandioca, é principalmente mandioca meio de sobrevivência né, já fundamentado na pratica do guaraná que meu pai deixou que todo mundo hoje em dia tem um pouco lá, quase todas os comunitários tem plantação de guaraná, só que a plantação de guaraná

²⁰ Milton Esteves de Souza. **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no bairro de Emilio Moreira, em Parintins - AM, no dia 08 de dezembro de 2023.

²¹ Carlos Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins - AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

é o seguinte, ela só da renda uma vez por ano então essa colheita o sujeito tem que ir pescando, caçando pra sobreviver, vai fazendo uma roça aqui, outra lá, então basicamente é assim que sobrevive lá”²²

A fonte acima nos mostra que as práticas de trabalho na comunidade em questão são as tradicionais de qualquer comunidade, o cultivo de maniva para a produção de farinha, a caça, a pesca e o plantio de guaraná. O guaraná foi implantado logo após a formação da comunidade a partir da chegada do morador oriundo do Japão é que com os ensinamentos, os demais moradores começaram a praticar também o cultivo.

Kuniji koga e a cultura do guaraná em Santa Luzia do Marauaru

Mesmo não sendo o foco principal desta pesquisa, abordaremos a seguir a forma relevante no qual a partir da imigração japonesa com os (Koutakusei²³), que se instalaram em muitas regiões do Brasil, incluindo a Amazônia. Nesta região colocaram em prática seus conhecimentos sobre cultivo, mesmo com a grande dificuldade encontrada pelo solo com pouca fertilidade em muitos dos locais de pesquisa, conseguiram se instalar e aprimorar suas técnicas.

O remanescente Koutakusei que abordaremos será **Kuniji Koga**, que foi estagiário da 3º turma da (Nippon-Koutaku), e foi um comunitário da comunidade Santa Luzia do Marauarú por um longo período, chegou na região antes mesmo de sua institucionalização, como se observa a seguir:

Em 1939, a maioria dos estagiários plantaram a juta, exceto alguns que ficaram na Colônia Modelo de Andirá para cuidar das culturas permanentes na terra firme. Em janeiro de 1940, quando Uyetsuka esteve na Vila Amazônia, ele visitou a Colônia Modelo de Andirá e conversou com os que permaneceram na terra firme, tais como: Fukuei Misono, Keiji Izumi, Yukio Sato, Ineo Takahashi, Shin'ichiro Mori, Gênji Tokuta, **Kuniji Koga**, Teisuke Tanaka, Kumakichi Saiki (do 3º Grupo das famílias de colonos) e outros estagiários. Em 30 de abril de 1940, a maioria deles aceitaram plantar a juta. Ficaram na terra firme somente quatro produtores; Shin'ichiro Mori (3ª Turma), Gênji Tokuta (3ª Turma), **Kuniji Koga (3ª Turma)** e Tadahisa Shoji (estagiário da 7ª Turma, sobrinho de Zennoshin Shoji da 7ª Turma da Nippon-Koutaku).” (HOMMA, A, K, O, 1996, p.304).

Mesmo no período em que a juta se tornava a grande força econômica na Amazônia, alguns não deixaram de continuar com os cultivos de terra firme, esse é o caso de Kuniji Koga que a partir de sua formação na 3º turma de estagiários pode contribuir na economia local.

²²Orlando de Oliveira Koga, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado na cidade de Parintins- AM, no dia 11 de março de 2024

²³ Para se aprofundar mais sobre o tema, ler o livro, Imigração Japonesa na Amazônia, HOMMA, ako,1996.

Plantava uma variedade de plantas frutíferas, mas a que trouxe mais benefícios a localidade é o guaraná. O contrato de mão de obra para a colheita e processamento dos frutos beneficiaram os moradores do então aglomerado de casas, fora os demais que eram transportados da região do Andirá para o trabalho na propriedade.

Sempre o trabalho foi guaraná, nunca falhava trabalho para trabalhador. Quando chegava no fim da limpeza ele já começava de trás de novo de onde já tinha passado e sempre o trabalho dele foi bem organizado, tudo limpinho, tudo mesmo certinho²⁴

Figura 3: Trabalhadores do senhor Koga junto a dois de seus filhos no porto de Santa Luzia



Fonte: Koga, Orsila.

Ao analisar a fonte reforçamos que apesar das diversas práticas econômicas que haviam na comunidade, o cultivo do guaraná era a principal atividade da economia local, apesar de ser uma vez no ano, quando chegava a época de colheita eram muitas as pessoas beneficiadas com a disponibilidade de trabalho. Vale destacar que o conhecimento adquirido pelo japonês, foi repassado aos comunitários que foram seus funcionários, além de doar mudas para os próprios começarem suas plantações e até os dias atuais mesmo após seu falecimento e a saída da família da comunidade, o legado deixado por Kuniji Koga atravessa gerações de agricultores até os dias atuais.

Das práticas socioculturais e religiosas

Nas comunidades tradicionais da Amazônia é comum as práticas socioculturais, sendo elas ligadas diretamente a questões religiosas, uma das práticas indicadas pelas fontes de memória oral para a comunidade de Marauarú, aparece a festa de **São Raimundo**. A festa em

²⁴ Carlos Colares Guimarães. **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins – AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

devoção ao santo ocorria em 31 de agosto e era realizada pela Maria Rafa é como era chamada e também Raimundo Moreira, proprietários do terreno onde ocorria o encontro com as demais pessoas.

era festa de promessa que as pessoas faziam para pagar promessa todo o ano e chegava naquele tempo e se fazia, se reuniam, faziam os convites e faziam aquelas ladainhas e depois tinha aquele café com beiju, uma janta, os convidados depois daquele movimento todo, eles iam embora, não tinha negócio de festa dançante, é festa de promessa²⁵.

Para um melhor entendimento dos processos históricos do Marauarú, é de grande importância lembrar da festa de São Raimundo que ocorria antes da institucionalização da comunidade, festa essa realizada pelos antigos moradores do lugar, está realizada como “*festa de promessa*” Galvão, (1973). A não aceitação por parte da igreja de Parintins foi um dos motivos para que o local onde esta festa era realizada não fosse escolhido como lugar de construção da capela da padroeira escolhida “Santa Luzia”, sendo assim deixado de lado pelos líderes religiosos.

É importante ressaltar que “Os festivais que realizam para cultuar o santo, e que incluem além de rezas, baile e comedoria, são objetos e críticas severas dos sacerdotes” a análise de Galvão (1973, p.35). No caso do São Raimundo, essas pressões, somado a idade avançada dos “donos”, acabaram por extinguir a “*festa de promessa*” somado a idade avançada dos “donos” contribuiu para o seu fim. Situação bastante comum em muitos casos nas comunidades amazônicas, que precisaram adaptar as práticas do catolicismo popular ao catolicismo romano.

Outra festa religiosa que aparece nos arquivos de memória oral é dedicada a Santa Luzia, que era realizada entre os dias 8 a 17 de dezembro, na qual contava com a participação de comunidades vizinhas e atividades desenvolvidas para promover a parte social da comunidade.

Era festa muito grande! Se fazia torneio de futebol onde a gente se reunia, 15, 20 times lá para disputar o torneio com prêmio de 2.000 reais, 1.500 reais. Se fazia corrida de canoa, remada mesmo na marra, atravessando de um rio pro outro, aquele que ganhava recebia prêmio e assim por diante. Tudo era diversão! Terminava o futebol aí vinha a parte do arraial, aí vinha o leilão, depois o forro comia no centro! Aí a moçada caía no forro até de manhã.²⁶

²⁵ Carlos Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins - AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

²⁶ Carlos Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins - AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

As memórias indicam que que a festa em homenagem a Santa Luzia naquele período era grandiosa, tendo em vista a quantidade de times que participavam do torneio, eram muitas as atividades desenvolvidas para entreter o público visitante chegados das demais comunidades, a seguir, trataremos das atividades desenvolvidas na festa da comunidade, tendo como intuito arrecadar recursos para futuros investimentos na melhoria de estrutura do lugar, essas atividades geram além de lucro, entretenimento para os visitantes da festividade da Santa.

A parte cultural da comunidade, na parte da festa era movimentado torneios de futebol, teve uma época que a gente movimento torneio de vôlei também, só mesmo nos daqui mas não foi pra frente e ficou só o futebol. Ai depois o arraial da santa, bingo, leilão, na época se fazia leilão, as vezes também a gente formava quadrilha para a festa junina também a gente fazia, movimentava com bingo antes da festa para angariar recursos para ajudar, é sorteio também foi movimentado umas duas ou três vezes. A maior parte mesmo para ajudar saia dos comunitários mesmo porque assim a gente trabalhava praticamente para aquele dia, dia da festa, torneio de futebol a gente adquiria com o finado Koga. Eram 20 hectares de guaraná para roçar para adquirir o dinheiro, e esse dinheiro se fosse colocar naquela época 1.000 reais, as vez não desse pra tirar na inscrição a gente nunca baixou no Marauarú, era aquilo mesmo, muita gente pergunta da festa, do torneio aqui por causa disso aqui por causa disso que sempre levamos a frente, nós nunca baixamos o prêmio²⁷. Na comunidade a gente fazia rainha do esporte, o dinheiro da rainha era pra comunidade, já o torneio se dobrasse algo era do time, a maior parte do pessoal ajudava mais a festa através de outra coisa, dinheiro próprio, trabalho próprio para fazer festa, já o dinheiro do esporte ficava para o time mesmo, não dividia, só o da boneca a gente doava para a comunidade²⁸

Quando falamos da organização das primeiras festas da comunidade Santa Luzia do Marauarú, percebemos que ocorria uma grande diversidade de atividades recreativas implementada pelos organizadores (ver figuras 04). Até mesmo a questão de arrecadação para a realização das festividades era grande, mas com o decorrer dos anos e a perca de organização.

²⁷ Demildes Azevedo de Oliveira, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins – AM, no dia 06 de março de 2024.

²⁸ Demildes Azevedo de Oliveira, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins – AM, no dia 06 de março de 2024.

Figura 4: Ata da comunidade de Santa Luzia do Marauarú de fevereiro de 1979

21

Comunidade do Marauarú em 21/2/79

Ata de n.º 21. foi realizado nesta comunidade em dezembro de 78- a festa da Padroeira da comunidade com início dia 8- e término dia 17. esta festa teve a participação de 14- comunidades vizinhas, cada uma representada pela sua equipe de futebol. A equipe vencedora foi a equipe do fluminense do Itacajá. que recebeu um prêmio de CR\$ 500,00. A festa deixou um saldo de CR\$ 8.687,00, a Rainha da festa foi a garota marcelene. com a votação de CR\$ 2.645,00. esta renda sera investida em beneficio da capela da Padroeira para melhor brilhantismo da festa em 79- Estas são as noticias dos movimentos festivos de nossa comunidade a qual devemos muitas considerações e Apresso ao povo que de boa vontade colaborou.

Inscrita por Raimundo Pinheiro
Secretario

Fonte: Pinheiro, Raimundo, 1979.

A ata²⁹ acima relata alguns dos acontecimentos na festa realizada entre os dias 8 a 17 de dezembro de 1979, tais como as 14 comunidades que se fizeram presente no torneio de futebol, rainha da festa e as arrecadações que seriam destinadas as melhorias na comunidade. Percebemos também o intuito de cada disputa e premiação, com objetivo de arrecadar o máximo de ganhos possíveis para a comunidade, as famílias tinham uma certa disputa para ver qual gerava mais recursos. Essa lógica também pode ser visualizada em outras realidades regionais, como a registrada na dissertação de Gilciandro Prestes, quando afirma que:

Nessas festas de santo o lucro obtido tem por objetivo fazer investimento na estrutura da própria comunidade, quando estes são apresentados como parte do resultado final pela diretoria da festa que é decidido em comum acordo com os moradores das localidades, bem como entregar parte dos recursos adquiridos as paróquias que são responsáveis pelos povoados. E quanto ao lucro particular, fruto das vendas de pessoas da própria comunidade e de outros locais, este ajuda na renda familiar e no orçamento do mês, sendo frutos de solidariedade de pessoas que visitam a festa ou até mesmo da própria comunidade. (Prestes, 2016, p.67).

Portanto, as festas (Ver anexo) acabam reforçando ainda mais esse sentimento de união que faz com que os comunitários se juntem e organizem a festa, tendo como intuito a arrecadação de recursos para possíveis melhorias, como nos descreve Demildes que:

²⁹ Ata cedida pela senhora Maria Auxiliadora Teixeira de Oliveira, moradora da comunidade Santa Luzia do Marauarú.

Aos domingos a turma se reunia, a “jovenzada” mais as mulheres na casa do finado Manoel Gama, do Antonico. Ficavam brincando, se divertindo, dançando a música na época era no programa da Alvorada *Melodia*, pessoal escrevia uma cartinha para a alvorada e ofereciam pro fulano de tal e aí as músicas tocavam e a turma dançava até de tarde, era um divertimento na comunidade isso aí também, na época não tinha outra coisa³⁰

A partir da análise da fonte acima, nota-se que na ausência de opções de lazer, ocorria um encontro na casa de um comunitário, na qual acontecia uma interação entre os jovens da comunidade. O rádio era raro na época, então era uma espécie de baile no qual todos se juntavam para uma atividade que era a diversão do domingo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso para a institucionalização da comunidade Santa Luzia do Marauarú é marcado diretamente pela participação dos próprios moradores locais que tiveram a ideia de formar uma comunidade. Antes da comunidade ser institucionalizada havia somente um povoado, casas independentes umas das outras, mas algumas dessas pessoas faziam parte do movimento católico leigo, que queria ampliar seu alcance na área rural de Parintins.

A chegada de PIME em Parintins fortaleceu ainda mais a vontade de obter o controle sobre as práticas socioculturais das então comunidades e também dos lugares onde ocorriam as festas de Santo. A mudança imposta pelas autoridades eclesiásticas remodelou o modo de vida dos povos da área rural, um fator contribuinte para a aceitação da ideia da comunidade é também a busca pela educação já que só seria possível se fosse instituída uma comunidade.

A forma de interação entre os moradores mudou, antes não tinham interesses em comum e logo após a institucionalização o sentimento de união foi fortalecido, as práticas sócio culturais e econômicas se fazem presentes, mostrando como a festa e o trabalho tinham uma ligação importante, e a economia forte da comunidade através do guaraná favoreceu ainda mais seu desenvolvimento. A pesquisa presente emerge uma visão sobre a comunidade que não seria possível se essa não fosse realizada.

FONTES ORAIS

Carlos Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no Bairro Itaúna I, em Parintins - AM, no dia 25 de fevereiro de 2024.

³⁰Demildes Azevedo de Oliveira, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins – AM, no dia 06 de março de 2024.

Demildes Azevedo de Oliveira, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins - AM, no dia 06 de março de 2024.

Maria Auxiliadora Teixeira de Oliveira, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa da entrevistada, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins - AM, no dia 06 de março de 2024

Milton Esteves de Souza, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, no bairro de Emilio Moreira, em Parintins - AM, no dia 08 de de dezembro de 2023.

Orlando de Oliveira Koga, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado na cidade de Parintins- AM, no dia 11 de Março de 2024

Raimundo Colares Guimarães, **Entrevista** com realizada por Kynderson Silva Guimarães, nas dependências da casa do entrevistado, na comunidade Santa Luzia do Marauarú, Parintins - AM, no dia 06 março de 2024.

REFERÊNCIAS

AKO, Homma. **Imigração japonesa no estado do Amazonas (1927-1942)** / Editores Alfredo Kingo Oyama Homma, Yorio Nakano e Yukihisa Ishizuka. – Belém: Alfredo Homma, 2021.

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História / Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). — 2.ed., I a reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008. p. 155 – 202.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**. Da escolha do tema ao quadro teórico. **Petrópolis, RJ: Vozes, 2005**.

BENTES, Ronaldo. **Ide pelo mundo inteiro e anunciai o evangelho**: as práticas sociais e religiosas do PIME em Parintins. Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, UFAM, 2019.

CASTRO, Hebe de. **História Social**. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, NEVES, Lucilia de Almeida. **História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral (Rio de Janeiro) , São Paulo, v. 6, p. 9-26, 2003.

Motooka, F. R., & Rodrigues, A. A. (2016). **Os processos de institucionalização da diferença versus o problema da identidade**. Caderno PAIC, 16(1), 555–570. Recuperado de <https://cadernopaic.fae.edu/cadernopaic/article/view/114>

MOTTA, Márcia. História, **Memória e Tempo presente**. In: Ciro Flamarion Santana Cardoso, Ronaldo Vainfas. (Org.). **Novos Domínios da História**. 1ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, v. 1, p. 21-36.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos. n. 3, Rio de Janeiro, 1989. p. 3- 15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p 200-212, 1992.

PRESTES, Gilciandro. **Festa de são José operário na comunidade de Terra Preta do rio Mamuru em Parintins**, Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, UFAM 2016, p.67.

WAGLEY, Charles. 1957. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**, biblioteca pedagógica brasileira, Companhia Editora Nacional, Vol. 290, série 5, São Paulo, p.58.

ANEXO

Figura 01: Andor de Santa Luzia.

Fonte: Lima, Ocimar, 2008.

Figura 02: Torneio de futebol.

Fonte: Lima, Ocimar, 2008.

Figura 03: Baile dançante

Fonte: Prata, José, 2008.

Figura 04: Procissão pelo quadro da comunidade.

Fonte: Prata, José, 2008.